

27 de julho de 2022 nº 5

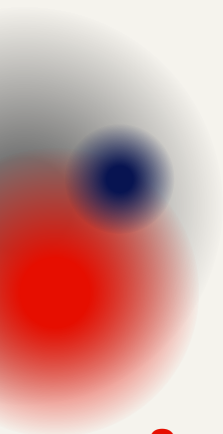
Tatuí, SP

jornal

**BULI**

 CONSERVATÓRIO DE TATUI





## Sumário

No frescor da hora	<b>3</b>	<b>Eu vejo o futuro repetir o passado?</b> <i>Tadeu Renato</i>
	<b>6</b>	<b>Palavra acesa</b> <i>Tadeu Renato</i>
Crônica do dia seguinte	<b>9</b>	<b>NOVAS trocas</b> <i>James Furlaneto Rocha</i>
	<b>11</b>	<b>Coletive Muvuca e a experiência</b> <i>Muvuca e Outros Cantos</i>
Ainda reverbera	<b>13</b>	<b>Video-Teatro a partir de Machado de Assis</b> <i>Yghor Boy</i>
Textos extras	<b>15</b>	<b>Palavra Constelação</b> <i>Lígia Helena</i>
	<b>16</b>	<b>Considerações reflexivas sobre o espetáculo distopias</b> <i>Judson Cabral</i>
Expediente	<b>19</b>	

no frescor da hora

# Eu vejo o futuro repetir o passado?

Tadeu Renato

*apreciação do espetáculo Distopias a partir do painel conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa*

O FETESP 2022 tem se mostrado um laboratório de trabalhos nascentes, processos criativos que tiveram em Tatuí sua estreia ou uma de suas primeiras apresentações. É uma alegria imensa poder compartilhar disso, ver tanta vontade de vida acontecendo, lembrar de Fernando Pessoa: *“sinto-me nascido a cada momento para eterna novidade do mundo”*. Esse impulso que nos leva a continuar fazendo teatro é o que se destaca na apresentação do espetáculo *Distopias*, da Cia. Entulho, grupo formado por estudantes do Instituto de Ensino Sagrada Família, em São Caetano Sul. Formada por adolescentes - é o grupo com os/as integrantes mais jovens desta edição -, a Cia. Entulho iniciou suas pesquisas a partir de uma investigação sobre os sentimentos gerados após dois anos de isolamento social. Quem está na adolescência neste momento, passando pelas transformações típicas da idade, ainda teve que enfrentar uma Pandemia que vitimou milhões de pessoas, um poder político conservador e crise ambiental, entre outras tantas situações decorrentes das ações humanas no planeta.

Há um termo utilizado por especialistas para designar essa apreensão que recai, principalmente, sobre crianças e jovens de hoje: *eco-ansiedade*, o medo crônico de sofrer um cataclisma sem volta. Essa percepção encontrou na fábula distópica sua forma de expressão, tomando de empréstimo fórmulas narrativas bastante conhecidas de filmes-catástrofes, com seus planetas em perigo e a construção de arcas espaciais reservadas às elites. Tal imaginário já acompanha nossa sensibilidade desde, pelo

## *no frescor da hora*

menos, o final do século XIX, se apresentando diante de nossas (falta de) perspectivas em relação ao futuro.

Ainda assim, o grupo consegue dar vida a uma fórmula dramaturgica que poderia estar gasta, enfrentando a inquietação com ironia, com risos, corpos alegres. O texto, todo ele escrito pela Cia. Entulho, tem muitos bons achados que equilibram piadas e reflexões e alcançam de modo direto a comunicação com o público. Como o trabalho teve sua primeira apresentação no Festival, é evidente o nervosismo que acaba por engolir algumas palavras, deixar gestos sem a força que podem ter ou causar tropeços. No entanto, o grupo mantém um ritmo impressionante para quem está estreando, garantindo-se no desejo visível de estar em cena, jogando com o público. Apontam imagens a serem melhor desenvolvidas, mas que contém o germe de bons achados, principalmente nas construções corporais em coro e na relação com os baldes que compõem o espaço cênico. Também na dramaturgia há espaço para aprofundamentos, uma vez que o grupo apresenta uma série de situações - racismo, relações familiares, militarização - que merecem maiores reflexões para se pensar seu lugar na narrativa, como por exemplo: segundo a sinopse, as pessoas que puderam embarcar para outro planeta tinham melhor situação financeira: será que pessoas privilegiadas como essas fariam, de fato, uma revolução? Ou estariam bem encaixadas em um sistema que sempre as beneficiam? Ou ainda outra: quais os sentimentos que surgem quando se sabe ainda vivo em detrimento da morte de bilhões de pessoas que não tiveram a mesma chance? Não creio que isso precise ser colocado diretamente em cena, mas acredito que tais reflexões podem apontar caminhos diversos para a continuidade do trabalho.

Há uma cena de embate em que surge um tambor ritmando a batalha e não nos escapa que o instrumento trás toda uma carga ancestral, como se as revoltosas chamassem para a luta toda a história das que vieram antes, gerando um corpo em prontidão. Esse é um aspecto que surgiu intuitivamente para o grupo e que também só 4

## *no frescor da hora*

vem a acrescentar se for pensado, agora, de modo mais consciente. Colocar um coro de mulheres como aquelas que desejam a transformação é fundamental, dialoga com os grupos que estão fazendo a diferença em um mundo patriarcal e caduco, um mundo no qual devemos insistir criando utopias.

*Esse texto contou com a  
colaboração da estudante Arielle Barbosa*



no frescor da hora

# PALAVRA ACESA

Tadeu Renato

apreciação do espetáculo *Constelação* a partir do painel  
conduzido pelo VQV - Lígia Helena de Almeida e Thais Póvoa

*"(...) e para que poetas em tempos de miséria?"*  
F. Holderlin

Novos momentos históricos pedem novas sensibilidades e, portanto, novas formas de expressão. Isso não significa abandonar o passado; ao contrário, é fazer diálogo crítico e constante com referências que nos sirvam de ferramenta criativa e reflexão e não sejam apenas um amontado que nos pese. A Poesia Concreta, movimento artístico criado na década de 1950 no Brasil por Décio Pignatari e pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, propunha uma nova forma de se fazer poesia: não mais o verso lírico, o derramamento de um eu separado de seu contexto como se fosse um escolhido com maior sensibilidade; mas uma poesia que surja da cidade e suas contradições, que converse com cartazes de muros, letras em movimento, sonoridades urbanas. O concretismo propunha acabar com o verso como a unidade principal de um poema, dando ênfase à palavra (até mesmo em fragmentos dessas), tomada em todas as suas dimensões: o verbo, o som, a imagem. Verbivocovisual é o termo que os concretistas usam (emprestados de James Joyce) para conceitualizar essa ideia. Lidar com a linguagem não apenas como algo que utilizamos para representar o mundo, mas como uma realidade em si, a linguagem como material que se questiona sobre seu próprio sentido. Como e por quê nomeamos as coisas? Por que este termo e não outro? Qual o gosto de um vocábulo.

Apresentado na quinta noite do 27º FETESP pelo Pra quê? Grupo de Teatro, formado por estudantes da Unicamp, o espetáculo *Constelação* parte da antologia *Viva Vaia: 1949 - 1979*, de Augusto de Campos, para investigar a presença do concretismo no teatro.

## *no frescor da hora*

O movimento teve atuação não somente na literatura, como também no cinema, na publicidade, nas histórias em quadrinhos, nas artes visuais e na música. Porém o teatro não foi um campo que se debruçou com atenção sobre as propostas Concretistas, são poucos os experimentos feitos a partir desse movimento. Daí que Constelação já nos convoca para a ousadia da invenção. A encenação tem por base o procedimento da palestra-performance, que tem sido amplamente utilizado em montagens contemporâneas, principalmente quando procura dar conta de partilhar conteúdos individuais que nem sempre alcançam interesse coletivo. Como a poesia concreta não parte de um sujeito lírico, mas sim da relação com a cidade, em Constelação a forma não se esgota: não se trata de uma aula nem de um espetáculo do eu, mas de colocar em cena a própria linguagem. Os corpos que vemos desenham movimentos geométricos que dialogam com a arte concreta. Corpos que são dobraduras pop-up, como nos trabalhos chamado Poemóviles, de Augusto de Campos e Júlio Plaza, em que os artistas criam uma série de cartões esculturais que, ao serem abertos, fazem saltar da página palavras e cores tridimensionais. O fim do verso, conforme os concretistas, se transforma no fim da fábula como centro da dramaturgia. Não se trata de contar uma história através das palavras, mas se transformar na e a partir dessas palavras. O grupo não se limita a reproduzir vocalmente os poemas: criam imagens que fazem surgir à nossa frente a proposta concretista. Uma cabeça que pulsa feito um coração (razão e emoção interligadas), um rosto reconfigurado com notícias de jornais, a polifonia dos sons urbanos, a perspectiva não-linear de ver uma peça. Embora a palavra seja o ponto de partida, não é o único elemento, não se trata de trazer a literatura para o palco, mas expandir o fazer teatral. O que o concretismo acrescenta a esse fazer? Ao que me parece, aponta a possibilidade de escapar de qualquer exigência mimética, isto é, o teatro não é a cópia imediata de certa realidade. O teatro é ele mesmo uma realidade. Não um espelho para refletir o mundo, mas um martelo para forjá-lo, citando o poeta russo Vladimir Maiacóvski.



*crônica do dia seguinte*

# NOVAS trocas

*James Furlaneto Rocha*

*1º ano de Artes Cênicas - Conservatório de Tatui*



## *crônica do dia seguinte*

O quinto dia foi de NOVAS trocas. Foram INÚMERAS.

Numa mesa redonda inicio minha experiência presenciando trocas entre representações das gerações. Gerações que construíram o legado de 27 edições do FETESP. O legado que atinge a juventude e a adolescência, renovando-se em suas tradições. O renovo tem sido quase palpável nesses dias de festival, e no espetáculo *Distopias*, da Cia. Entulho de Teatro, eu o vejo e quase pego. Trazer as máscaras, um elemento tão antigo do teatro, para a cena é exatamente a atualização da tradição que vem sendo discutida pelas gerações.

O protagonismo juvenil traz ao foco a perspectiva de futuro, como o próprio nome já revela: DISTOPIA. O contexto histórico é tratado com cuidado para que seja claro em seus fatos. Com essas reflexões em mente, entro em um novo ambiente: numa CONSTELAÇÃO. O desenvolvimento da iluminação revela a grandeza da cena. A princípio vejo estrelas nos flashes dos celulares. Depois vejo o estrelar de um coletivo sendo descoberto. Traço uma linha imaginária entre os corpos, visualizando a constelação. São sílabas que brilham sozinhas, mas que ao se unirem formam poesia. De maneira inesperada, esqueço de como se fala. As sílabas parecem se cruzar de forma independente, formando PASSENTE, PRESTURO, FUTUADO. A poesia é concreta, pois se une ao contexto histórico, levando-me de volta a reflexões iniciais que ainda latejam.

Quais foram as pautas tratadas nos festivais anteriores? Quais serão as pautas a serem tratadas nos festivais futuros? Novamente, OCUPAMOS. Falemos sobre nossas vontades, nossos direitos e nossas pautas. Aproveitemos as oportunidades como o FETESP, e não deixemos que novos hiatos aconteçam.

VIDA LONGA, RENOVADA E GRANDIOSA AO FETESP.

crônica do dia seguinte

# COLETIVE MUVUCA E A EXPERIÊNCIA

ago Agô

licenças pra falar, pois eu tenho p r e s s a, eu tenho p r e s s a.

Ago agô

aglomerarcomosmeus... rom-----per

ago agô

rom/per as Estruturas e reconhecer em minhas memórias a base pra seguir

Nasce ali aqui um futuro que não pode existir

..

Eu me vejo te vejo te vejo te vejo te vejo **te** vejo te vejo  
te vejo no constante momento de revolução.

Ações,  
fatores  
atores.

Mudança que resiste.

atrizes

não deixa o verbo morrer.  
no peito salpica

teu **GRITO**

aqui e agora pra depois IR ----- pra ela

Um lembrete de estado de **ALERTA** faz aniversário.

um cobertor de espelhos  
que ofusca y apaga mergulhando dentro das imaginações de si  
aquilo que outrora aterrorizava

marcas, marcas sinais, sinais estórias, estórias identitárias-  
passado o passado pra trás

inevitável,INEvitáVEL, inEVITÁVEL!!!

O PORQUÊ DE ESCOLHER NARRAR una

c

at

ástrofe Social com ALTAS doses de koMÉDIA

Seus FUTur(r)os (IN)possíveis,

jornada Fantasiosa

reconduz

Rom/po minhas fronte/iras  
 arte transpassando limites ar  
 quando todas as pessoas dormem o  
 pular corda o  
 ou se preparar pra vo

////j/a/u/l/a/s//// dizem menos de mim nós curvas  
 rios partitura movimento da cidade  
 conjunto de planos e tombos sombras da rup/tura do movimento e pulo pro  
 meio fim.

poesia política constelar experiência do agora do início esquecido repetição/repetição  
 revolução/acção meio gesto constante com uma solução palavra radicalizada desconstruída  
 construída concreta e asfalto e estética/tética e ética/tica e métrica e cheiro de terra molhada

Lugar das urgências esquecimento memória viva  
 Revolta é sentimento que nasce cedo e não se vê final

Em

Cru

Zilha

das, passadas,  
 presentes  
 e futuras,  
 ciclos da vida,  
 projetos de poder,  
 como mudar o rumo da história?  
 como ressignificar e transformar as opressões sociais?

Jovens olhares nos apontam caminhos, com sorrisos no rosto e pés firmes no  
 chão nos dão as  
 mãos e abrem brechas no tempo.

Se instala o dançar, o batucar Y o cantar,

## EXCLAMAÇÃO

A VONTADE DA MÁQUINA

espaço-prom

estado-tempo

-novos tempos já estão vives em

nós  
 os ciclos da vida se regeneram:

esperançar  
 esperançar  
 esperançar...

*ainda reverbera*

# Vídeo-Teatro a partir de Machado de Assis

**Estudantes da ELT (Escola Livre de Teatro) de Santo André visitam clássicos de Machado de Assis em experimento cênico audiovisual**

*Yghor Boy*

*Artista residente do 27º FETESP*

Muito tem se falado no meio teatral sobre o uso do vídeo como instrumento de trabalho após dois anos de uma pandemia que forçou a linguagem audiovisual a artistas e grupos de teatro em todo o mundo. Apesar de não ser algo novo - Brecht já utilizava o recurso de projeção, por exemplo, em trabalhos que datam da primeira metade do século XX - o que aconteceu na pandemia foi diferente. Até então o vídeo havia sido muito utilizado como ferramenta para compor o ambiente cênico e provocar novas experiências ao espectador. Na pandemia aconteceu o contrário, já que foi necessário entender como utilizar essa ferramenta como instrumento principal para a comunicação com o público. O vídeo não estava mais na cena, a cena é que estava no vídeo.

Foi esse o processo pelo qual o Coletivo F22 da ELT teve que passar para criar o Bruxo do Cosme Velho. Partiram do teatro para expressar no vídeo uma releitura política de Machado. Curiosamente, no entanto, voltaram ao palco na 27ª edição do FETESP para fechar um ciclo de relação entre essas duas áreas.

## *ainda reverbera*

O trabalho, que perpassa inúmeras obras do escritor e é costurado por músicas próprias das religiões de matriz africana, constrói imagens potentes que ganham outra dimensão através de técnicas exclusivas do audiovisual. A sobreposição de imagens relacionando diferentes temporalidades no mesmo espaço através da edição ou mesmo os posicionamentos variados de câmera apresentando diferentes perspectivas ao público - como, por exemplo, quando os atores são filmados de cima - enriquecem muito o trabalho. Por outro lado, quando o vídeo fica calcado apenas na chave do registro teatral, sem interferência da linguagem audiovisual, ele perde em camadas, já que evidencia muito a diferença entre as experiências do público de assistir a uma cena ao vivo e assistir a essa mesma cena, tal qual seria feita no palco, gravada.

Em determinado momento há o uso de projeção, revelando imagens da ELT sobrepostas ao corpo de uma das atrizes. É um momento claro de denúncia sobre o descaso do poder público com a instituição, que já há anos resiste aos variados tipos de sucateamento que sofre. As imagens e a coreografia que dialoga com elas são fortes e dá vontade de saber mais daquela realidade. Nesse sentido, fica uma reflexão sobre o quanto esse edifício - tão simbólico ao grupo - poderia ter aparecido mais. O uso do espaço - não só do teatro, mas de outras salas e lugares do prédio como locações para a filmagem das cenas - poderia certamente ter intensificado ainda mais a mensagem da vídeo peça. Ou peça filme. Ou ainda experimento cênico audiovisual.

Importa menos o nome - certamente acadêmicos se ocuparão dessa nomenclatura no futuro. A mensagem é que importa. E ela é, assim como os textos de Machado, potente, política e - principalmente nos tempos que vivemos hoje - precisa.

Há ainda uma cena pós-créditos. Geralmente utilizadas em filmes ou em séries como prenúncio de algo, essa cena provoca uma pergunta sobre o futuro, ao que uma das atrizes em debate no festival responde “prenúncio da nossa história enquanto artistas”. E como o Bruxo do Cosme mostra, artistas que, independente das circunstâncias e do meio, comunicam ao público o que precisa ser falado.

*textos extras*

# Palavra Constelação

*Lígia Helena*

*organizadora do Festival de Teatro Adolescente  
Vamos que Venimos Brasil*

*Literatura em romance com as artes plásticas*

*Teatro em romance com a literatura*

*Cidade: corpo dança geométrica que atravessa a  
[ci]dade*

*[Canto]cidade*

*[CorPo]esia*

*Comer o livro*

*Picar o livro*

*Lavar o livro*

*O livro é memória*

*O esquecimento é uma ferramenta*

*REVER os concretistas*

*Em tempos de Brasil 2022 (#ForaBolsonaro)*

*Tornar o livro máscara para nossos rostos  
cansados*

*Sem uma forma revolucionária não existe arte  
revolucionária*

*O fim da nossa tentativa também é o começo da  
obra*

# Considerações reflexivas sobre o espetáculo distopias

*Judson Cabral*

O teatro é uma arte que acontece pelo exercício intelectual coletivo. Isso quer dizer que ele é aventura do espírito, ou seja, da inteligência, que nada mais é que a capacidade que os sujeitos têm de aprender. Nesse sentido, ver um grupo de jovens - de uma escola de ensino fundamental e médio - se aventurando pela linguagem teatral com o intuito de produzir uma obra que seja a expressão dessa aventura do aprender, é algo que merece ser celebrado.

Ainda mais quando essa aventura esculpe uma obra que reflete um tema que tem ocupado o imaginário contemporâneo de maneira expressiva como é o caso da distopia. E não é que foi a esse desafio que a Cia. Entulho de Teatro, do Instituto de Ensino Sagrada Família, de São Caetano, colou-se?

O espetáculo começa com a notícia de que a terra torna-se inabitável devido a ação do homem e suas consequências sobre o meio ambiente. Por conta disso, alguns sobreviventes deverão partir em foguetes para outro planeta. O ano é 3060. A partir daí o que acompanhamos são cenas que alcançam forma a partir de jogos corporais e objetos que adquirem sentidos diferentes a cada nova necessidade de figurar novos espaços. O trabalho, ainda em processo, é vibrante, principalmente, ao observar na investigação cênica deles uma urgência para

## textos extras

alertar acerca do futuro, ou se quiser, acerca de não fazer do futuro um pretérito agravado pela captura do desejo. A distopia, do século XXI, não tem encontrado adversários exatamente porque tem funcionado cada vez mais pela captura do desejo ou, em termos lacanianos, pela subtração do desejar, pelo desistir do desejo, pelo ceder. A tradução disso é: melancolia e conformismo.

Percebe quantos caminhos uma obra que é a tradução de um tema pode abrir? Daí o encanto em ver o grupo tão jovem se aventurando não só em investigar um tema tão “espinhoso”, mas também uma forma que possa informar e dar um sentido crítico ao não-sentido (caos e cansaço) - localizando-o no tempo e no espaço enquanto instrumento de poder para melhor ordenar o “rebanho”.

Por essa via, a distopia, no trabalho do grupo, pode ser vista como um alerta ao mesmo tempo que deve ser estranhada. Daí a recusa, no trabalho (que ainda pode e vai ser melhor elaborado) e pelas outras linguagens artísticas, em ser uma mera mimese da realidade. A escolha por produzir uma realidade distorcida, que sirva para informar e observar ainda mais o real vigente, justifica a opção por uma estética mais sombria que intensifique a sensação de aprisionamento. Assim como era na literatura e no cinema distópico quando surgiu, isto é, uma literatura e um cinema que buscavam, antes de tudo, retratar as consequências para o futuro da humanidade e do planeta, caso a vida humana seguisse sendo uma reprodução daquele presente.

Essas narrativas distópicas utilizam de enredos para representar regimes autoritários que agem pelo abuso da repressão material e mental. Sendo um dos objetivos enfatizar a necessidade de transformação da própria subjetividade humana, para que ela, por um lado, não se torne escrava de si e nem os corpos curvados a outros, por outro, não aceite que o poder seja exercido por figuras autoritárias expropriadoras da liberdade humana.

## textos extras

Por isso a escolha por retratar aspectos da realidade (econômicos, políticos e sociais) que promovam a desumanização, ou seja, a perda da capacidade de falar e lutar contra a submissão. No trabalho do grupo isso passa pela disciplinarização dos corpos devido ao processo produtivo (a forma trabalho), como podemos observar numa das cenas. Todavia, talvez, o mais interessante do trabalho do ponto de vista temático e estético não esteja aí, mas nas narrativas dos corpos jogados no chão que vão informando as mudanças de planetas. A imagem que emerge desses corpos jogados é a do esgotamento devido a reprodução do modelo que colonizou a terra e a levou ao fim. Um esperando godot, só que invertido? No de Samuel Beckett, é a espera que se sufoca, no do grupo é a ação que é repetição. Uma vez que nessa cena está implícito que a questão não é só mudar de um planeta para o outro, mas da necessidade de uma transformação de imaginário para que sejam inventadas novas formas de ser, habitar e se relacionar com e no mundo, e não reproduzir o modelo que nos leva para o fim.

O que urge, a partir da obra poética, é a necessidade de criarmos um imaginário que não capitalista. Pois, enquanto for esse o imaginário que nos orienta e pelo qual enxergamos e damos sentido ao mundo, o máximo que alcançaremos é sermos espectadores e atores do nosso próprio fim.

Enfim, olhar para o grupo considerando o contexto do FETESP, que é um festival estudantil, é gratificante, pois podemos verificar quão presente é num trabalho poético a dimensão pedagógica e política. Pedagógico porque implica a escolha por aprender e produzir saberes que passam pelo método criativo. Político porque opera uma poiesis de si e outra para o mundo. Ou seja, uma criação de si que significa um alargamento do seu próprio horizonte e uma ação que se traduz em obra para “afrontar” o mundo, para denunciar seu aspecto sufocante.

Não podemos perder de vista que o aspecto distópico que a realidade assume é devido, também, ao empobrecimento do imaginário, a perda da imaginação. Pois, enquanto capacidade tivermos de imaginar, novos mundos podem ser criados.

Liberdade é um ato que se faz com imaginação.

## **Expediente**

### **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

### **Arte gráfica**

Luiza Lorenzetti

### **Produção editorial**

João Fabbro

### **Revisão de textos**

Thiago Leite

João Fabbro

### **Textos**

Tadeu Renato

James Furlaneto Rocha

Muvuca e Outros Cantos

Yghor Boy

*Lígia Helena*

Judson Cabral

### **Colaboradores(as)**

Arielle Barbosa [bolsista estagiária em Produção Cênica]

Camila Barbagallo

Camila Alomba

### **Fotógrafo**

João Maria

**Leia também a *Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí***

*\*Esta publicação foi atualizada em 27/07 às 18h49*